

Crônicas inéditas de Júlia Lopes de Almeida revelam observadora refinada do Rio

No início do século XX, escritora debateu na imprensa temas até então reservados aos homens

Bolívar Torres

21/5/2018 - 04:30 / 21/5/2018 - 14:02

RIO — Toda semana nas páginas do jornal abolicionista *O Paiz*, uma mulher refletia sobre os rumos da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Uma das mais famosas escritoras de seu tempo, Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) discorria sobre questões urbanas, políticas, artísticas e sociais — temas que, na imprensa da época, eram em geral reservados aos homens. Até então inéditas em livros, 40 dessas crônicas, escritas entre 1908 e 1912, foram reunidas no recém-lançado *Dois dedos de prosa — O cotidiano carioca de Júlia Lopes de Almeida*, que integra a Coleção Cadernos da Biblioteca Nacional, com organização dos pesquisadores Angela di Stasio, Anna Faedrich e Marcus Venício Ribeiro.

Neste período, esperava-se que as mulheres limitassem sua escrita a um universo supostamente “feminino”. Com raras exceções, suas atuações na imprensa se restringiam a periódicos voltados para as donas de casa. Autora de romances como *Memórias de Martha* (1899) e *A falência* (1901) e uma das idealizadoras da Academia Brasileira de Letras (por ser mulher, acabou excluída da lista final 100% masculina dos membros fundadores), Júlia rompeu com as regras do jogo e ocupou um espaço privilegiado do debate.

— Até hoje, associam-se à escrita de autoria feminina temas subjetivos, sobretudo o amor, e religiosos, narrados de forma bem-comportada, lânguida e delicada; ou ainda textos dirigidos às mulheres donas de casa com conselhos notadamente sexistas — observa Anna Faedrich. — As crônicas publicadas em *O Paiz* são exemplos dessa transgressão de Júlia, pois trata de temas que fogem ao que era esperado de uma escritora mulher.

(...)

— Nas crônicas para *O Paiz*, suas opiniões progressistas, como a defesa do abolicionismo e da autonomia das mulheres, não se manifestam muito — avalia Venício Ribeiro. — Vejo-a aqui como uma “município”: cidadã esclarecida que se interessa por seu objeto (a cidade e o bairro em que morava), com olhar conservador e europeizado, a um só tempo tradicionalista e crítico.

Paradoxalmente, lados mais progressistas de Júlia podem ser encontrados em seus manuais para mulheres, como *Livro das noivas* e *Livro das damas e donzelas*. À primeira vista, são publicações que parecem estar mais de acordo com as expectativas que se tinham para uma escritora naqueles anos. Mas a realidade é outra, observa Anna.

— Somos ludibriados pelos títulos, que nos levam a entender os livros como um manual de conselhos banais. Uma análise detida indica que Júlia aborda temas feministas, como a emancipação feminina, a relação entre trabalho feminino e independência financeira do

gênero, e critica a qualidade dos livros (no caso, folhetins) que as mulheres leem — diz a pesquisadora.

(...)

"Leia Mulheres":

Embora a defesa de causas feministas não esteja tão presente em suas crônicas para “O Paiz”, Júlia aproveitava o espaço privilegiado no jornal para promover e elogiar o trabalho de outras mulheres formidáveis de sua época. Uma atitude que parecia natural para a escritora e que ecoa com movimentos feministas de hoje, como o Leia Mulheres. Em suas crônicas, celebrou as poetas Edwiges de Sá Pereira (“espírito luminoso”), Júlia Cortines (“artista incomparável”) e Auta de Souza (“ninguém de coração, poderá lê-la de olhos enxutos”), entre outras.

Disponível

em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/cronicas-ineditas-de-julia-lobes-de-almeida-re-velam-observadora-refinada-do-rio-22700821> Acesso em: 2 nov. 2018.